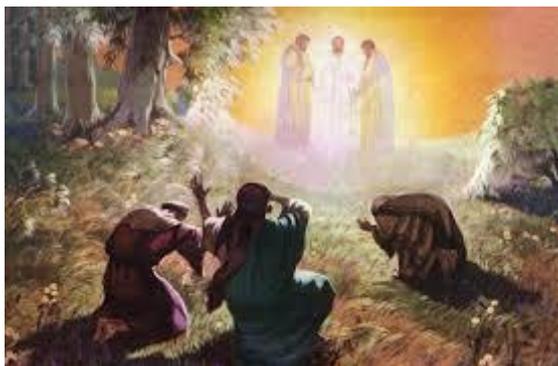


Domingo II da Quaresma - Ano C – 16 março 2025



Lucas 9,28b-36 - "Enquanto Jesus rezava, o seu rosto mudou de aparência....."

Viver a Palavra

A Liturgia da Palavra deste Domingo coloca-nos de olhos fixos em Jesus de Nazaré, o Filho Amado, o Eleito, que na intimidade da oração entra em comunhão com o Pai e nos revela o mistério de luz que irrompe na nossa vida quando nos abrimos ao diálogo de «*amizade, estando muitas vezes e a sós com Quem sabemos que nos ama*» (S. Teresa de Ávila, Livro da Vida 8,5).

A Transfiguração de Jesus faz ecoar no coração dos discípulos escolhidos para subir ao monte as palavras que cantávamos no Salmo Responsorial: «*O Senhor é a minha luz e a minha salvação*». A vida de Jesus com os Seus gestos, as Suas Palavras, os Seus milagres e prodígios são o anúncio e realização do projeto salvífico do Pai que, nas palavras dos Profetas e na Lei confiada ao Povo de Israel, prefigurava Aquele que em plenitude nos haveria de revelar a Lei nova do amor e realizar a profecia do Reino Novo que somos chamados a construir no aqui e agora do tempo e da história.

Jesus, que se faz presente nos desertos da nossa vida, conduz-nos com Ele ao monte, para passarmos da aridez do deserto à luz transfiguradora e transformadora do Seu amor: «*Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte, para orar*». O cimo do monte é o lugar onde o dia amanhece mais cedo e onde se pousa o último raio de Sol. O cimo do monte é sempre um lugar privilegiado de encontro com Deus: até geograficamente estamos mais perto do céu, esse lugar onde brilham as estrelas da promessa que Deus manifestou a Abraão e o fazem caminhar até à terra onde Deus o espera e onde Abraão é alcançado pelo amor e pela condescendência de Deus.

Por isso, precisamente aí, Jesus faz resplandecer a existência, reacende a esperança e faz luzir o amor. Com Pedro, João e Tiago, também nós somos convidados a subir ao monte. Batizados em Cristo e ungidos pela força do Espírito Santo somos discípulos missionários, escolhidos pelo Pai, para saborear a beleza da intimidade com Ele e experimentar o estupor que inundou o coração destes três discípulos e que fez Pedro exclamar: «*Mestre, como é bom estarmos aqui!*».

Como deveria ser belo ver Jesus rezar, ver Jesus entrar em diálogo íntimo de amor com o Pai. Por isso, não nos espanta que numa outra ocasião, estando Jesus em oração, os discípulos lhe tenham pedido: «*Senhor, ensina-nos a orar*» (Lc 11,1).

Caminhar com Jesus, preparando a Sua Páscoa, é tomar consciência da urgente necessidade de uma vida orante que se faz escuta da Palavra do Pai. A verdadeira oração não é aquela que se faz até que Deus nos ouça, mas aquela que se realiza incessantemente até que possamos escutar a voz de Deus: «*Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O*». A voz, que emana da nuvem e que nos recorda a necessidade de viver de olhos fixos em Jesus e de coração aberto e disponível para a Sua palavra, apresenta Jesus como o Filho Amado, o Eleito do Pai que nos revela que a paixão, o sofrimento e a morte não têm a última palavra e, por isso, a «*morte de Jesus, que ia consumir-se em Jerusalém*» de que falavam Moisés e Elias é caminho para a glória plena, total e definitiva da qual a Transfiguração é sinal e antecipação.

Deste modo, S. Paulo recorda-nos que «*a nossa pátria está nos Céus, donde esperamos, como Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo miserável, para o tornar semelhante ao seu corpo glorioso*», para nos ensinar a arte de ler os sofrimentos do tempo presente como lugares de passagem para a alegria plena e definitiva que só Jesus e o Seu amor nos podem oferecer.

A Quaresma é o tempo privilegiado e escolhido por Deus para contar as estrelas do Céu apontadas a Abraão, para renovar no coração a aliança de amor que Deus realiza, já não nos animais oferecidos em sacrifício, mas no Cordeiro imolado por nosso amor. **in Voz Portucalense**

+++++

No dia **13 de março**, celebra-se o **12.º aniversário da eleição do Papa Francisco**. Conforme indica o diretório litúrgico, onde se fizerem celebrações especiais, pode dizer-se a missa do aniversário da eleição do Papa. Em todas as missas, na oração universal, deve incluir-se uma intenção especial pelo Papa. Tendo em

conta o estado de saúde do Papa Francisco, o louvor e a ação de graças pela sua eleição deve ser acompanhado pela oração de intercessão pela sua saúde *in Voz Portucalense*

+++++

Já no **Tempo da Quaresma**, continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 - , acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I - Génesis 15,5-12.17-18

Naqueles dias,

Deus levou Abrão para fora de casa e disse-lhe:

«Olha para o céu e conta as estrelas, se as poderes contar».

E acrescentou:

«Assim será a tua descendência».

Abrão acreditou no Senhor,

o que lhe foi atribuído em conta de justiça.

Disse-lhe Deus:

«Eu sou o Senhor

que te mandou sair de Ur dos caldeus,

para te dar a posse desta terra».

Abrão perguntou:

«Senhor, meu Deus,

como saberei que a vou possuir?»

O Senhor respondeu-lhe:

«Toma uma vitela de três anos,

uma cabra de três anos e um carneiro de três anos,

uma rola e um pombinho».

Abrão foi buscar todos esses animais,

cortou-os ao meio

e pôs cada metade em frente da outra metade;

mas não cortou as aves.

Os abutres desceram sobre os cadáveres,

mas Abrão pô-los em fuga.

Ao pôr do sol,

apoderou-se de Abrão um sono profundo,

enquanto o assaltava um grande e escuro terror.

Quando o sol desapareceu e caíram as trevas,

um brasido fumegante e um archote de fogo

passaram entre os animais cortados.

Nesse dia, o Senhor estabeleceu com Abrão uma aliança,

dizendo:

«Aos teus descendentes darei esta terra,

desde o rio do Egipto até ao grande rio Eufrates».

CONTEXTO

A primeira leitura de hoje faz parte de um bloco de textos a que se dá o nome genérico de “tradições patriarcais” (cf. Gn 12-36). Trata-se de um conjunto de relatos singulares, originalmente independentes uns dos outros, sem grande unidade e sem carácter de documento histórico. Nesses capítulos aparecem, de forma indiferenciada, “mitos de origem” (descreviam a “tomada de posse” de um lugar pelo patriarca do clã), “lendas culturais” (narravam como um deus tinha aparecido nesse lugar ao patriarca do clã), histórias sobre as vicissitudes diárias dos clãs nómadas que circularam pela Palestina durante o segundo milénio, e ainda reflexões teológicas posteriores destinadas a apresentar aos crentes israelitas modelos de vida e de fé.

Os clãs referenciados nas “tradições patriarcais” – nomeadamente os de Abraão, de Isaac e de Jacob, grupos vagamente aparentados que mais tarde, numa fase posterior da história, aparecem ligados por laços “familiares” – viajavam de lugar em lugar à procura de pastos para os seus rebanhos. Levavam consigo diversos sonhos e expectativas. Sonhavam encontrar uma terra fértil e com água abundante, onde pudessem instalar-se e descansar, fugindo aos perigos e às incertezas da vida nómada. Sonhavam também possuir uma família forte e numerosa que perpetuasse a “memória” da tribo e se impusesse aos inimigos. O deus ancestral que protegia a tribo e a conduzia ao longo das suas deambulações era o potencial concretizador desse ideal.

A primeira leitura do segundo domingo da Quaresma coloca-nos precisamente neste cenário. Abraão, um dos patriarcas desses clãs nómadas, conversando com Deus, refere a sua decepção porque a sua vida está a acabar e ainda não tem um filho que lhe perpetue o nome. A herança que vai deixar, tudo aquilo que construiu, irá ficar para um servo, um tal Eliézer, de Damasco (cf. Gn 15,2-3). Conhecemos contratos do séc. XV a. C. que parecem iluminar esta realidade: estipulam que, em caso de falta de filhos, o senhor possa adotar um escravo; e este, por sua vez, compromete-se a dar ao seu senhor uma sepultura conveniente. Talvez seja a esse costume que o texto alude.

Que terá Deus a dizer ao seu Servo Abraão? *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Abraão é apresentado, não apenas neste relato, mas em diversos outros passos das tradições patriarcais, como o homem que confia plenamente em Deus. O seu tempo de vida vai-se escoando, a sua mulher Sara é estéril e já não tem idade para ser mãe, o nascimento de um filho que lhe assegure a descendência parece cada dia mais improvável; mas Abraão, contra toda a lógica humana, confia em Deus e nas suas promessas. Entrega toda a sua vida e toda a sua esperança nas mãos de Deus, convencido de que Deus nunca o desapontará. Abraão é o crente ideal, o modelo para os crentes de todas as épocas. Desde Abraão até aos nossos dias passaram quase quatro mil anos. Desde então fizemos um longo caminho, sempre acompanhados pelo olhar paterno e materno de Deus. Mais: frequentamos a escola de Jesus; e Jesus ensinou-nos a confiar em Deus como uma criança pequenina confia no seu “papá”. Depois de tudo isso, a que nível está a nossa confiança em Deus? Estamos sempre dispostos – mesmo em situações que não compreendemos ou que contradizem as nossas lógicas e as nossas ideias feitas – a entregar-nos nas mãos de Deus, a confiar nos seus desígnios, a aderir às suas propostas?
- O Deus que se revela a Abraão é um Deus que se compromete com o homem e cujas promessas são garantidas, gratuitas e incondicionais. Ele não cumpre as suas promessas apenas se nós cumprirmos as nossas: Deus mantém as suas promessas mesmo que nós escolhamos percorrer caminhos de egoísmo e de autossuficiência, ignorando as indicações que Ele nos dá. Com paciência e amor de pai, Deus insiste em vir ter connosco e em apontar-nos os caminhos que conduzem à vida e à salvação. Que efeitos tem, no desenrolar da nossa vida, essa fidelidade de Deus? É algo em que não pensamos, ao qual ficamos indiferentes, ou é algo que nos ajuda a construir a nossa existência com serenidade e confiança? Vemos a fidelidade de Deus como um “cheque em branco”, que podemos utilizar para fazer o que nos apetecer, ou como algo que nos compromete e nos convida a caminhar com Deus?
- A catequese de Israel apresenta sempre Abraão como um homem em permanente diálogo com Deus. Abraão partilha com Deus os seus sonhos e esperanças, as suas dificuldades na luta diária da existência; mas também escuta Deus, acolhe as suas indicações, vive ao ritmo das propostas de Deus. Talvez esta descrição que os catequistas de Israel fazem do seu patriarca seja um tanto idealizada; mas mostra aos crentes israelitas – e a nós também – que a vida deve ser vivida em permanente diálogo com Deus. Em tempo de Quaresma – de conversão, de regresso a Deus – talvez seja uma sugestão que podemos considerar. Estamos dispostos, neste tempo de Quaresma, a dar mais espaço ao diálogo com Deus, à escuta de Deus? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 26 (27)

Refrão: O Senhor é a minha luz e a minha salvação.

O Senhor é minha luz e salvação:
a quem hei de temer?

O Senhor é protetor da minha vida:
de quem hei de ter medo?

Ouvi, Senhor, a voz da minha súplica,
tende compaixão de mim e atendei-me.

Diz-me o coração: «Procurai a sua face».

A vossa face, Senhor, eu procuro.

**Não escondais de mim o vosso rosto,
nem afasteis com ira o vosso servo.
Não me rejeiteis nem abandoneis,
meu Deus e meu Salvador.
Espero vir a contemplar a bondade do Senhor
na terra dos vivos.
Confia no Senhor, sê forte.
Tem coragem e confia no Senhor.**

LEITURA II – Filipenses 3,17-4,1

Irmãos:

**Sede meus imitadores
e ponde os olhos naqueles
que procedem segundo o modelo que tendes em nós.
Porque há muitos,
de quem tenho falado várias vezes
e agora falo a chorar,
que procedem como inimigos da cruz de Cristo.
O fim deles é a perdição:
têm por deus o ventre,
orgulham-se da sua vergonha
e só apreciam as coisas terrenas.
Mas a nossa pátria está nos Céus,
donde esperamos, como Salvador, o Senhor Jesus Cristo,
que transformará o nosso corpo miserável,
para o tornar semelhante ao seu corpo glorioso,
pelo poder que Ele tem
de sujeitar a Si todo o universo.
Portanto, meus amados e queridos irmãos,
minha alegria e minha coroa,
permanecei firmes no Senhor.**

CONTEXTO

A cidade de Filipos, situada na Macedónia oriental, era uma cidade próspera, com uma população constituída maioritariamente por veteranos romanos do exército. Organizada à maneira de Roma, estava fora da jurisdição dos governantes das províncias locais e dependia diretamente do imperador. Gozava dos mesmos privilégios das cidades de Itália e os seus habitantes tinham cidadania romana. Paulo chegou a Filipos pelo ano 49 ou 50, no decurso da sua segunda viagem missionária, acompanhado de Silvano, Timóteo e Lucas (cf. At 16,1-40). Da sua pregação nasceu a primeira comunidade cristã em solo europeu.

A comunidade cristã de Filipos era uma comunidade entusiasta, generosa, comprometida, sempre atenta às necessidades de Paulo e do resto da Igreja (como no caso da coleta em favor da Igreja de Jerusalém – cf. 2 Cor 8,1-5). Paulo nutria pelos cristãos de Filipos um afeto especial; e os filipenses, por seu turno, tinham Paulo em grande apreço. Apesar de tudo, a comunidade cristã de Filipos não era perfeita: os altivos patrícios romanos de Filipos tinham alguma dificuldade em assumir certos valores como o desprendimento, a humildade e a simplicidade.

Paulo escreve aos Filipenses numa altura em que estava na prisão (não sabemos se em Cesareia, em Roma, ou em Éfeso). Os filipenses tinham-lhe enviado, por um membro da comunidade chamado Epafrodito, uma certa quantia em dinheiro, a fim de que Paulo pudesse prover às suas necessidades. Na carta, Paulo agradece a preocupação dos filipenses com a sua pessoa (cf. Fl 4,10-20); exorta-os a manterem-se fiéis a Cristo e a incarnarem os valores que marcaram a vida de Cristo.

O texto que nos é proposto como segunda leitura faz parte de um longo desenvolvimento (cf. Flp 3,1-4,1), no qual Paulo alerta os Filipenses para que tenham cuidado com “os cães”, os “maus obreiros”, os “falsos circuncidados” (cf. Flp 3,2). Quem são estes, a quem Paulo se refere de uma forma tão pouco delicada? Muito provavelmente são cristãos de origem judaica (“judaizantes”) que, apegados às suas tradições religiosas, exigiam aos cristãos o cumprimento integral da Lei de Moisés. No tempo de Paulo, esses judeo-cristãos, com as suas exigências e intolerância, criavam alarme e perplexidade nas comunidades cristãs do mundo helénico. Confundiam os cristãos, criavam conflitos e punham em causa o essencial da fé. As duras palavras de Paulo resultam da sua revolta ao ver a ação dessa gente. Paulo estava convicto de que a vida cristã não é o

cumprimento de ritos externos, como são os ritos da Lei; mas é a adesão à proposta gratuita de salvação que Deus nos faz em Jesus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Os “judaizantes” que Paulo denuncia na Carta aos Filipenses reduzem a fé à observância de determinadas práticas externas e ritualistas, que provinham das tradições e da cultura de um povo, mas pouco ou nada contribuíam para aproximar os crentes de Deus. Enquanto faziam finca-pé em coisas sem importância, acabavam por colocar em plano secundário aquilo que era essencial. Trata-se de uma “tentação” que se apresenta a cada passo no caminho dos crentes: reduzir a vivência da fé a um conjunto de coisas “palpáveis”, que se executam mecanicamente, que se “despacham” num instante e que não implicam grandes “investimentos”. Cumpridos os gestos que a lei estipula, o crente sente-se em regra com Deus e com a sua própria consciência e evita aquilo que é realmente exigente: a mudança do coração, o compromisso com Jesus e com o Evangelho, o acolhimento dos desafios sempre novos de Deus. Como vivemos a nossa fé? Limitamo-nos a cumprir determinadas práticas religiosas tradicionais, ou procuramos ir ao fundo das coisas e encontrar o caminho para nos aproximarmos realmente de Deus? Neste tempo quaresmal, por exemplo, a que é que damos mais importância: aos “jejuns” e “abstinências” estipulados pela tradição da Igreja, ou à conversão, à mudança de vida, à escuta mais atenta de Deus, ao seguimento de Jesus?
- A expressão usada por Paulo para falar dos “judaizantes” – “têm por deus o ventre, orgulham-se da sua vergonha e só apreciam as coisas terrenas” – faz-nos pensar nas pessoas, religiosas ou não, que vivem de olhos postos nas realidades rasteiras e banais e descuram as realidades imperecíveis: são as pessoas que se limitam a “aproveitar o instante”, sem qualquer horizonte de eternidade; são as pessoas que se preocupam apenas com o seu bem estar e vivem indiferentes à sorte dos outros homens e mulheres; são as pessoas que procuram dar uma boa imagem de si próprias, mesmo que essa imagem não corresponda àquilo que são; são as pessoas que se limitam a cumprir o que está estipulado por uma lei qualquer (como aqueles “judaizantes” que os filipenses conheciam), mas deixam passar o que é essencial, aquilo que as faz mais livres e que poderia dar um sentido mais pleno às suas vidas... Como nos situamos em relação a isto? Vivemos “a prazo”, com horizontes limitados, ou estamos empenhados em construir uma vida voltada para as coisas verdadeiras e eternas?
- Paulo considera a vida uma corrida de fundo em direção a uma meta que é o encontro com Cristo Jesus. Ele está consciente de que, enquanto caminhar na terra, a corrida não estará terminada: tem de continuar a esforçar-se para atingir a meta final. Paulo tem razão: não podemos, a dado momento, determo-nos a gozar as nossas conquistas, convencidos de que já está tudo feito e consolidado. Em cada passo da nossa vida temos de renovar a nossa opção por Deus e continuar os nossos esforços em direção à vida nova e eterna. Somos gente acomodada, convencida de que já “correu” o suficiente e que agora pode viver de rendimentos, ou somos gente que dia a dia, passo a passo, procura acolher os desafios sempre novos de Deus e corresponder àquilo que Deus espera de nós?
in Dehonianos.

EVANGELHO - Lucas 9,28b-36

Naquele tempo,

Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago

e subiu ao monte, para orar.

Enquanto orava,

alterou-se o aspeto do seu rosto

e as suas vestes ficaram de uma brancura refulgente.

Dois homens falavam com Ele:

eram Moisés e Elias,

que, tendo aparecido em glória,

falavam da morte de Jesus,

que ia consumir-se em Jerusalém.

Pedro e os companheiros estavam a cair de sono;

mas, despertando, viram a glória de Jesus

e os dois homens que estavam com Ele.

Quando estes se iam afastando,

Pedro disse a Jesus:

«Mestre, como é bom estarmos aqui!

Façamos três tendas:

uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias».

**Não sabia o que estava a dizer.
Enquanto assim falava,
veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra;
e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem.
Da nuvem saiu uma voz, que dizia:
«Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O».
Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou sozinho.
Os discípulos guardaram silêncio
e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.**

CONTEXTO

Estamos no final da “etapa da Galileia”; durante essa etapa, Jesus anunciou a salvação aos pobres, proclamou a libertação aos cativos, fez os cegos recobrar a vista, mandou em liberdade os oprimidos, proclamou o tempo da graça do Senhor (cf. Lc 4,16-30). À volta de Jesus já se formou esse grupo dos que acolheram a oferta da salvação (os discípulos). Testemunhas das palavras e dos gestos libertadores de Jesus, eles descobriram que Jesus é o Messias de Deus (cf. Lc 9,18-20).

No entanto, “uns oito dias antes” da cena da transfiguração, os discípulos tinham ficado perplexos quando Jesus lhes falou do futuro próximo: “o Filho do Homem tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, tem de ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar” (Lc 9,21-22). Os discípulos ficaram estupefactos: o caminho que Jesus se propunha seguir passava pelo sofrimento e pela morte (Ele tinha também falado em ressurreição; mas, essa referência deve ter-lhes passado despercebida pois, por essa altura, eles não sabiam bem o que isso queria dizer)? Era esse o horizonte de Jesus? Não era com isso que contavam quando se dispuseram a andar com Ele. Para piorar as coisas, Jesus tinha-lhes pedido, na sequência, que se negassem a si mesmos, tomassem a cruz e o seguissem no caminho do dom da vida até à morte (cf. Lc 9,23-26).

É natural que tudo isto deixasse os discípulos inquietos e indecisos. Jesus achou, face a este estado de coisas, que tinha chegado a hora de lhes desvelar o sentido do caminho que se propunha seguir. Chamou, então, Pedro, Tiago e João – o “núcleo duro” daquele grupo – e convidou-os a subir com Ele a um monte. Nesse dia e nesse monte eles iriam achar algumas respostas para as perguntas que os inquietavam.

O texto não identifica o “monte” para onde Jesus, Pedro, Tiago e João se dirigiram. Contudo, a tradição fala do Monte Tabor, uma montanha com 588 metros de altura, situada no meio da planície de Jezreel, coberta de carvalhos, pinheiros, ciprestes, aroeiras e plantas silvestres. O Tabor tinha sido, nos tempos antigos, um lugar sagrado para os povos cananeus.

Literariamente, a narração da transfiguração é uma teofania – quer dizer, uma manifestação de Deus. Portanto, o autor do relato vai colocar no quadro todos os ingredientes que, no imaginário judaico, acompanham as manifestações de Deus (e que encontramos quase sempre presentes nos relatos teofânicos do Antigo Testamento): o monte, as aparições, as vestes “de uma brancura refulgente”, a nuvem, a voz que vem do céu e mesmo o medo daqueles que presenciam o encontro com o divino. Isto quer dizer o seguinte: não estamos diante de um relato exato de acontecimentos, mas de uma catequese (construída de acordo com o imaginário judaico) destinada a confirmar a verdade da proposta de Jesus. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Neste segundo domingo da Quaresma façamos, também nós, a experiência de subir com Jesus ao monte... Enquanto subimos, podemos conversar com Ele e, com toda a sinceridade, dizer-Lhe as nossas dúvidas e inquietações. Podemos dizer-Lhe que, por vezes, nos sentimos perdidos e desanimados diante da forma como o nosso mundo se constrói; podemos dizer-lhe que o caminho que Ele aponta é duro e exigente e que não sabemos se teremos a coragem de o percorrer até ao fim; podemos até dizer-lhe, talvez com alguma vergonha, que às vezes duvidamos dele e corremos atrás de outras apostas, mais cómodas, mais atraentes e menos arriscadas... E, depois de lhe dissermos isso tudo, deixemos que Jesus nos fale, nos explique o seu projeto, nos renove o seu desafio... E vamos, também, prestar atenção à voz de Deus que nos garante: “olhem que esse Jesus que Eu enviei ao vosso encontro é o meu Filho, o meu eleito, aquele a quem Eu entreguei o projeto de um mundo mais humano e mais fraterno... Confirmo a verdade do caminho que Ele vos propõe. Escutai-O, ide com Ele, acolhei as suas propostas e indicações, mesmo que tenhais de remar contra a maré. O caminho que Ele vos aponta pode passar pela cruz, mas conduz à Vida verdadeira, à ressurreição”. É com estas atitudes que somos seguidores de Jesus Cristo?
- Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-o”. É verdade: precisamos de escutar Jesus mais e melhor. Quando o “escutamos” – quer dizer, quando ouvimos o que Ele nos diz, quando acolhemos no coração as suas indicações e quando procuramos concretizá-las na vida – começamos a ver tudo com uma luz mais clara. Começamos a perceber qual é a maneira mais humana de enfrentar os

de graça, é um apelo de Deus a que toda a comunidade cristã entre decidida no dinamismo próprio da Páscoa: a passagem para a Vida Nova.

A liturgia envolve o homem todo – espírito e corpo – com a sua rica linguagem. A expressividade pascal, que invade todas as celebrações do ano litúrgico, parece interrompida na Quaresma: não por esgotamento, mas por necessidade de aprofundamento. A rotina tende a uma espécie de inflação que degenera em empobrecimento de sentido e desvalorização espiritual. E, por isso, a música instrumental cala-se, o canto é sóbrio, a igreja está mais despojada e sombria, não se canta o Aleluia... Dê-se maior relevo à cruz: com o acessório (alegórico) da âncora, ou sem ele, a Cruz é sempre a âncora (símbolo) lançada por Deus do céu à terra e, pela Igreja, da terra ao céu. Fixemo-nos na Cruz, “esperança única”. E tudo isto alimenta os sentidos a fim de envolver o homem todo na caminhada pascal. Há que reaprender a viver cristãmente. Para voltar a cantar *Aleluia*, não apenas com os lábios, mas com todas as fímbrias do nosso ser, para superar tantas desafinações, precisamos da cura do silêncio e de jejum, também dos ouvidos.

A Quaresma começa na **Quarta-feira, chamada de Cinzas**. A decisão de começar a caminhada é ratificada pelo **jejum corporal** e pelo sinal comunitário da **imposição das cinzas** (após a homilia da missa). Contudo e porque as condições laborais, entre outras, não permitem que a maioria dos cristãos possa participar nesta abertura comunitária da Quaresma, aconselha-se que haja no primeiro domingo um sinal eloquente que marque o seu início. A caminhada para a Páscoa é tão vital para a comunidade cristã que requer uma inauguração solene.

Sobre a exercitação quaresmal, o *Cerimonial dos Bispos* (n. 260-261) recomenda que se conserve e fomente, sobretudo aos domingos, a forma tradicional de reunir a Igreja local à maneira das “**estações romanas**”, ao menos nas grandes cidades. E propõe um rito que pode ser muito apropriado para dar início à Quaresma, no primeiro domingo. A assembleia reúne-se num lugar fora da igreja, cantando um cântico apropriado. Quem preside e os ministros dirigem-se para esse local. Terminado o cântico, o Presidente saúda o povo e faz uma breve admoção, explicando o sentido e a oportunidade do rito. Após alguns momentos de silêncio, recita uma oração (coleta do mistério da Santa Cruz, pela remissão dos pecados, pela Igreja, missa para o ano santo...). Em seguida, impõe incenso no turíbulo (se se usar) e o diácono (ou o próprio celebrante) anuncia: *Caminhemos em paz*. Em procissão, todos se dirigem para a igreja, ao canto das **Ladainhas dos Santos** (como em *Cantoral Nacional* 568, 569). No lugar adequado (conforme se trate de mártires, confessores, etc.), podem inserir-se invocações do Santo Padroeiro e de outros particularmente venerados nessa Igreja. Chegados ao presbitério, o Coro conclui a invocação dos Santos com “**Todos os Santos e Santas de Deus**” e segue com “**Sede-nos propício**”. No fim do canto, o Presidente recita a oração coleta do dia. Omitem-se os ritos iniciais.

Como alternativa, estando já o povo reunido na Igreja onde se celebra a Eucaristia, em vez do cântico de entrada cantam-se as **Ladainha dos Santos** até **Todos os Santos e Santas de Deus**. Da cadeira, depois de se benzer, o presidente saúda o povo e pode fazer uma breve admoção. Não são necessárias muitas palavras porque o rito, de si, já é eloquente. Em seguida, convida ao arrependimento e retoma-se a Ladainha: **Sede-nos propício**. No fim, recita-se a coleta da Missa.

De facto, é muito significativo iniciar a Quaresma com a ladainha dos Santos e, ainda mais, neste ano jubilar da Esperança. Incorporamo-nos nessa **peregrinação única**, aberta pela cruz de Cristo, e que nos conduz à Vida com o Pai, percebemos a íntima ligação e comunhão entre a Igreja que peregrina e a Igreja que alcançou a glória, descobrimos o sentido profundo da **Quaresma como realização do mistério pascal em nós**.

Outras Sugestões para o tempo da Quaresma:

- Privilegiar o Ato Penitencial na **modalidade B**.
- Cantar habitualmente a **terceira aclamação de anamnese** (*Mistério da fé para a salvação do mundo!* – *Glória a Vós que morrestes na cruz...*)
- No momento que se considerar oportuno (Ofertório, final...) cantar o **hino do Jubileu** ou algum dos seguintes hinos: *Jesus, esperança e guia* (BML 38; não é só de Advento e todo o ano jubilar é, de algum modo, *advento*), ou *Jesus, nossa redenção* (M. Luís, Guião ENPL XXXVIII; NCT 567; LHcant2).